

REPRESENTAÇÕES DO GÊNERO FEMININO NO JORNAL IMPRESSO FOLHA DO NORTE DO PARANÁ NO ANO DE 1966

Valeria da Silva Almeida (IC, Fundação Araucária), (UNESPAR/FECILCAM),
valeria_peda@hotmail.com

Cristina Satiê de Oliveira Pátaro (OR), (UNESPAR/FECILCAM) crispataro@gmail.com
Frank Antonio Mezzomo (CO-OR), (UNESPAR/FECILCAM), frankmezzomo@gmail.com

RESUMO: Este trabalho apresenta resultados de pesquisa vinculada a investigação mais ampla desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder. Tem por objetivo analisar as representações da mulher veiculadas no Jornal Folha do Norte do Paraná no ano de 1966. Para tanto, realizou-se a leitura das edições do Jornal do período investigado, identificando-se as matérias (conteúdo, seção, data, página, imagem) nas quais a mulher era referenciada. Com base nos conteúdos identificados e tabulados, as matérias foram subdivididas em cinco categorias que auxiliaram no processo de análise: Folha Feminina, Conflitos/Violência, Religião, Trabalho e Anúncios Publicitários. Os resultados indicaram uma referência significativa a um modelo de comportamento, de beleza e do papel social da mulher associados à boa dona de casa, boa esposa, religiosa, recatada, humilde, delicada e generosa. Grande parte dos discursos veiculados trazia a valorização da mulher associada ao âmbito privado (casa, família), submissa a Deus e a seu marido.

PALAVRAS-CHAVE: *Representações de gênero. Jornal. Fontes.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por o objetivo apresentar resultados de uma pesquisa que buscou identificar as representações do gênero feminino veiculadas no Jornal Folha do Norte do Paraná no ano de 1966. O Jornal Folha do Norte do Paraná, no período de 1962 a 1970, era a mídia impressa com veiculação predominante na região norte do Paraná. O proprietário e a equipe editorial eram líderes e/ou membros da Igreja Católica. Partindo do pressuposto de que o conteúdo midiático é norteado pela visão de mundo, ideologias, valores e interesses do grupo social a que pertence (CRUZ, 2001), ainda que o jornal tivesse fins e características editoriais comerciais, é necessário considerar as possíveis influências da religião católica em seu conteúdo.

O interesse pela investigação do Jornal Folha do Norte do Paraná, cujo acervo está sob a guarda e preservação do Centro de Documentação (CDO) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), tem envolvido pesquisadores e propósitos mais abrangentes. Por esta razão, desde 2009 o grupo de pesquisa *Cultura e Relações de Poder*¹ tem desenvolvido projetos de pesquisa voltados para

¹ O tamanho e, sobretudo, a riqueza do acervo, talvez do maior investimento da Igreja Católica dos anos de 1960 no campo da imprensa escrita, suscita inúmeras perguntas de pesquisa. Tendo em vista a

a mesma fonte histórica dada a abrangência de circulação, a periodicidade e a relevância histórica do jornal.

A pesquisa – em conjunto a outros subprojetos, com recortes temporais diferentes – faz parte de investigação mais ampla, intitulada “Representações da mulher e relações de gênero no Jornal Folha do Norte do Paraná: estudos sobre a utilização do jornal como fonte e como recurso metodológico no ensino de História”².

A mídia impressa não pode ser considerada um mero depositário de acontecimentos e informações, mas uma força ativa da história, ingrediente dos fatos que registra (DARTON, apud SILVA; FRANCO, 2010, p.5). Segundo Maciel (apud CRUZ, 2001, p.6), o jornal é uma prática que constitui a realidade social, por definir papéis, modelar formas de pensar, estereotipar posições e interpretações, que visam o compartilhamento, o consenso e consequentemente a universalização. A imprensa busca produzir hegemonia a todo tempo, por meio da compreensão temporal oferecida por constatações do presente.

O conceito de gênero – surgido, na historiografia, na esteira de novos problemas, novos objetos e novas abordagens, menção a trilogia organizada por Jacques Le Goff – tornou-se oportuno para analisar a organização social e as diferenças entre os sexos, buscando enfatizar o caráter social e relacional que permeia a definição do feminino e do masculino. Assim, ao remetermo-nos ao gênero, é necessário compreender que os papéis e os comportamentos dos homens e das mulheres são definidos em termos recíprocos, e influenciados por fatores relacionados ao contexto histórico, social e cultural (VIANNA; RIDENTI, 1998). Isso significa reconhecer que os sociais associados ao gênero não são inatos ou universais e que, portanto, podem – e em muitos casos devem – ser modificados.

Farias e Tedeschi (2007, p. 8) destacam que, para o cristianismo, a legitimidade das desigualdades existentes entre homens e mulheres é resultado do pecado original, onde Eva, por desobedecer a Deus, submeteu a mulher a uma posição inferior. A partir de então a mulher deve ser submissa ao marido, que foi constituído de autoridade. Logo, o domínio é inacessível a mulher, podendo apenas ser exercido pelo homem (FARIAS; TEDESCHI, 2007, p.8).

relevância da problemática, e a intenção de dar maior impulso qualitativo na investigação do jornal, é que a temática de pesquisa foi assumida como prioridade pelo grupo de pesquisa Cultura e Relações de Poder.

² Pesquisa desenvolvida com apoio financeiro do CNPq (Edital 14/2011 – Universal) e coordenada pelo Prof. Dr. Frank Antonio Mezzomo.

DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Com base nos pressupostos teóricos mencionados, iniciou-se o processo de leitura e identificação das representações do gênero feminino no Jornal Folha do Norte do Paraná do ano de 1966. Cabe ressaltar que as edições referentes ao período de 1962 a 1968, inicialmente sob a guarda do Centro de Documentação (CDO) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), foram digitalizadas e catalogadas pelo grupo de pesquisa *Cultura e Relações de Poder* em projetos anteriores. Foram utilizadas para a realização de nossa pesquisa arquivos eletrônicos em forma de fotos das edições do jornal Folha do Norte do Paraná, referentes ao período investigado, que foram ordenadas por data/ano a fim de facilitar a investigação.

As edições referentes ao ano de 1966 foram lidas na íntegra, separando-se todo o conteúdo que fizesse, de alguma forma, referência à mulher. Após a identificação, leitura e sistematização dos conteúdos referentes ao gênero feminino, passamos para o processo de categorização das representações, que serviu de base para nossa análise. As categorias foram definidas de acordo com a origem ou natureza dos conteúdos identificados.

A primeira categoria que analisamos denomina-se Folha Feminina, nome comum a um espaço no jornal, que é direcionado ao público feminino. Já as representações femininas identificadas que tivessem de algum modo relação com a religião compõem a segunda categoria. A categoria Conflitos/Violência abrangeu noticiários e plantões policiais que relatavam alguma situação de conflito, assassinato ou crimes em que as mulheres eram citadas. Outra categoria é a do Trabalho, constituída a partir das matérias e notas sociais que relacionavam a mulher ao âmbito do trabalho formal. A última categoria identificada diz respeito aos anúncios publicitários.

ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES FEMININAS

A seguir, apresentamos a análise de algumas representações do gênero feminino identificadas no Jornal Folha do Norte do Paraná. A análise dialoga-se com alguns teóricos que investigam a temática.

Folha Feminina

A Folha Feminina era uma coluna semanal, assinada por Solange Madel, voltado para as leitoras da Folha do Norte do Paraná e contendo matérias direcionadas às necessidades, rotina e problemas vivenciados pelas mulheres casadas. Pudemos encontrar receitas culinárias, numa coluna intitulada “Do verbo Cozer”. Verificou-se ainda a presença de reportagens, pesquisas e orientações sobre cuidados e dicas para com a maternidade, a educação dos filhos, como também sugestões de

moda infanto-juvenil e outros. As tendências nacionais e internacionais sobre maquiagem, cuidados com o cabelo e moda feminina foram encontradas em todas as edições da folha. Nas matérias sobre moda, evidenciamos o intuito de orientar as leitoras do modo como deveriam se cuidar, zelar pela beleza física, e concomitantemente faz se presente dicas que ajudavam a leitora não se vestir “fora de moda”, por exemplo.

Encontramos poucos conteúdos direcionados às moças solteiras, como o destacado a seguir, presente em uma das edições do jornal (17/07/1966). Trata-se do teste “Ama ou não ama?”, que tinha o objetivo de ajudar a moça avaliar se o seu pretendente a namorado, ou já então namorado, estaria com intenções sérias (casamento) e como ela deveria se comportar no relacionamento. Para tanto, a leitora precisaria responder a algumas questões sobre o comportamento, atenção e disponibilidade do rapaz em situações que envolviam a família, encontros, características e utilidades dos presentes que este lhe deu. Ao todo são oito questões, com três alternativas cada (A, B e C). Ao final do teste, a leitora deveria verificar qual a alternativa mais assinalada, e conferir no resultado do teste sobre o futuro de seu relacionamento. A imagem a seguir apresenta os conselhos para cada tipo de resposta predominante no teste:

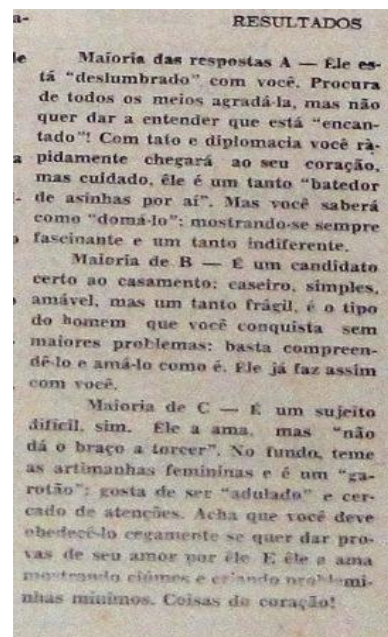


Figura 1: Folha do Norte do Paraná (Folha Feminina), 17/07/1966.

Evidencia-se que o teste traz atitudes, comportamentos comuns a um pretendente que planeja casar-se ou que não pensa nessa possibilidade. A leitora, por meio dos resultados do teste, deveria identificar se o seu parceiro estaria agindo conforme as normas sociais de um relacionamento que

resultaria em uma parceria para a vida toda: o casamento. Vale ressaltar que o casamento, neste período, era um ideal propagado a todas as mulheres, por isso da preocupação feminina em relação ao projeto, à proposta de casamento. A mulher tinha uma norma de conduta a seguir num namoro. Deixar o namorado avançar o sinal, mesmo que este insistisse, era mostrar-lhe que não era uma moça direita, que não era uma mulher para se casar (CUNHA, 2001, p.7).

Orientações de como agir, comportar-se para conseguir casar-se eram muito válidas, pois os homens procuravam a mulher que lhe compreendesse (CUNHA, 2001, p.12) As mulheres sempre buscavam ajuda, conselhos de como compreender o seu pretendente, tornando-se assim a sua mulher ideal.

É possível perceber no resultado da alternativa A, por exemplo, que há orientações para que a mulher se posicione de modo indiferente ao sentimento de seu pretendente, pois ele já estaria encantado por ela. Porém ela deveria agir com diplomacia sedutora, a fim de que o seu pretendente fosse instigado e “domado” por ela, assim não mais “*baterá suas asinhas*” (Folha do Norte, 17/07/1966), buscando sempre conquistá-la por não ter certeza do amor da amada. O candidato da letra B é caracterizado como um rapaz frágil, simples, certo para o casamento. À moça, cabe procurar entendê-lo e amá-lo como é, pois é um homem que não terá problemas para conquistá-lo.

No resultado da alternativa C, há orientação para que a mulher seja compreensiva, e encare a superioridade, a autoridade do homem de modo natural. Ele a ama, logo, sabe o que é melhor para ela. Nessa alternativa, está presente a ideia de que o homem, diferente da mulher, que é delicada e amorosa, tem personalidade forte, pois é uma autoridade, é o seu protetor (CUNHA, 2001, p.16).

Verificamos que nas três alternativas há conselhos que nos possibilitam perceber que a mulher, em todos os perfis de pretendente e de relacionamento, deveria adequar-se, renunciar às suas vontades, buscando compreender o seu pretendente para assim conseguir conquistá-lo. Cumprir os desejos, vontades de seu amado, “encaixando-se” assim ao perfil ideal de mulher almejado por todos os homens.

Religião

Nesta categoria, pudemos identificar matérias ou notas em colunas sociais sobre trabalhos em albergues, casa de velhinhos, abrigo para órfãos que pertenciam à Igreja Católica, nos quais todas as atividades eram organizadas ou coordenadas por mulheres (freiras e/ou irmãs). Verificamos também na coluna religiosa “*Reconstruir o mundo*”, sermões que exortavam as mulheres a não renegarem, mas sim cumprirem o seu papel, a aceitarem a sua natureza feminina, que é ordenada por Deus. Natureza feminina que tinha como característica e função a reprodução, pacificação, humildade, fé religiosa,

generosidade, sendo boa esposa e boa mãe. A maioria dos conteúdos de tal coluna advertia os fiéis quanto às influências ideológicas e pecaminosas ocasionadas pelas inversões dos valores cristãos, disseminadas pela mídia, movimentos sociais e outros.

Nessa categoria destacamos o sermão “Os Jeitos de Mansos do Amor” (Folha do Norte do Paraná, 08/07/1966, p. 5), presente na coluna religiosa “*Reconstruir o Mundo*”, escrita por líderes da Igreja Católica. O sermão exalta as virtudes de Maria, mulher que tinha como natural as coisas de Deus. Para ela, era comum a oferta, a renúncia das coisas difíceis, para o bem de seu Amado.

É salientado ainda que Maria, assim como as demais mulheres israelitas, tinha o casamento como uma vocação profissional da mulher, desse modo realizava tudo o que seu amado desejava, sem questionar.



Figura 2: Jornal Folha do Norte do Paraná (Reconstruir o Mundo), página 5, 08/07/1966.

Podemos detectar no sermão a propagação do ideal mariano, onde a mulher e o homem devem aprender com Maria, entender e cumprir seus papéis como prova de amor a Deus. O homem deve cumprir o seu papel de provedor, protetor, chefe da família, a mulher por sua vez deve ser boa mãe, submissa a seu marido, ser boa esposa e ser religiosa.

No sermão é relatado que Maria tinha uma aparência dura, porém o seu coração era virginal, característica esta que denota inocência, humildade e modéstia de uma mulher que aceitou a vontade Divina e renunciou a natureza instintiva, inconsequente e pecadora presente em todas as mulheres – natureza oriunda de Eva, ideal de repúdio a todas as mulheres (ZANLOCHI apud FARIAS; TEDESCHI, 2010, p. 9).

Conflitos/Violência

Esta categoria agrega as matérias que faziam referência à mulher em alguma situação de conflito ou violência. Constatamos em uma das matérias das edições do jornal de 1966, a cobertura do drama, do sofrimento de uma mãe que perdeu seus cinco filhos em uma tragédia ocasionada por fortes chuvas. De igual modo encontramos o relato do assassinato de uma mulher, para cujo companheiro cometeu o crime, por ciúmes e suposição de infidelidade.



Figura 3: Jornal Folha do Norte do Paraná, página 2, 29/01/1966.

Na matéria policial acima, o autor do crime declara no depoimento policial, que o assassinato foi motivado por uma suposta infidelidade de sua companheira. Na matéria consta que o assassino e a vítima eram amasiados, mesmo a relação não sendo formalmente oficializada, ambos tinham um compromisso (Folha do Norte do Paraná, 29/01/1966, p.3). No relato a policia, o assassino conta que ao chegar no balcão, onde ficava o quarto da vítima, viu um homem, que deduziu estar

saindo do quarto. Ao encontrar a mulher se vestindo, inconformado, sacou uma faca e a feriu. Em seguida, argumentou que por amá-la não suportaria vê-la com outro homem.

Vemos, assim, conforme nos aponta Goldenberg (apud CUNHA, 2001, p. 17) as convenções sociais historicamente disseminadas, que a traição feminina é tida como um ato imperdoável e incompreensível, diferentemente da traição do homem. As explicações da aceitação, ou não aceitação da traição, estariam na diferenciação sexual. O homem é motivado pelos desejos carniais, já a mulher é motivada pelos desejos do coração, pelo romantismo. A natureza feminina tem com uma de suas virtudes, a fidelidade, a compreensão e o romantismo. De acordo com as ideologias religiosas, sociais e culturais, a mulher que trai é semelhante a uma prostituta, pois para esta trair precisa de um sentimento, já o homem não precisa amar outra mulher para cometer adultério (GOLDENBERG apud CUNHA, 2001, p.17; MARTINS; MATOS, 2007, p.16).

A mulher que trai rompe um compromisso com aquele que lhe é superior, que é autoridade em sua vida, seu marido. Concomitantemente com aquele que ordenou a sua submissão para com seu cônjuge, Deus. A infidelidade feminina, neste período é considerada um tabu (BASSANEZI apud CUNHA, 2001, p. 2). A renúncia dos desejos, vontades e a resistência das tentações carniais são ensinadas à mulher desde tenra idade, sendo uma prova de amor e de seu comprometimento para com Deus, e com os valores sociais.

Trabalho

Pudemos perceber, na maioria das vezes, em que há referência feminina em matérias sobre trabalho, a atuação de mulheres em áreas profissionais que estão interligadas à “natureza feminina”, podendo ser considerada como uma extensão de suas funções do lar. Evidenciamos que a área educacional, sempre que relatava alguma informação, necessidade ou êxito do trabalho educacional, estava sendo organizado por uma mulher. Nos espaços em que há ofertas de emprego, a maioria oferecia oportunidade de trabalhos domésticos, ou então de secretária e vendedora.

É importante compreendermos que o papel social – a vocação– da mulher esteve fortemente atrelado ao lar, que deveria cuidar com dedicação e amor. A função da mulher na organização social, de acordo com discursos religiosos, sociais e culturais, é educar seus filhos para a igreja e à pátria (JUNQUEIRA, 2011, p. 9). Assim a educação era o espaço reservado para a mulher, pois este não subverteria a missão da mulher. Atuar na educação deveria ser entendido pela mulher como uma extensão de seu papel de mãe. O caráter do tratamento para com o processo de ensino/aprendizagem dos alunos deveria ser maternal. O trabalho de professorado tinha que ser norteado pelos valores religiosos, sociais e morais (JUNQUEIRA, 2011, p. 11).

Como nos aponta Junqueira (2011, p.11) os discursos religiosos propagavam que a função da escola era complementar a educação que os pais repassavam aos seus filhos, que eram determinados por dogmas, ideologias e valores cristãos.

Jardim de Infância Fechado em Curitiba Por Subversão

Agentes da DOPS fecharam o Jardim de Infância "Pequeno Príncipe", de Curitiba, alegando que suas professoras ministravam aos pequenos alunos teorias marxistas.

O jornal "O Estado do Paraná", em sua edição de ontem, divulgou a notícia

nos seguintes termos: "O titular da Delegacia de Ordem Política e Social, Ozias Algauer, determinou ontem o fechamento do Jardim de Infância Pequeno Príncipe, por considerar que as professoras daquele estabelecimento estão respondendo a Inquérito Militar, por subversão, além de ministrarem aos alunos "teorias marxistas".

A diretoria do Jardim disse a O ESTADO que o fechamento deu-se durante a ausência dos professores, com exceção de uma servente que foi obrigada a assinar um documento apresentado pelos policiais. Afirmou a diretora, sra. Dilma Maia Pereira, "que o delegado da DOPS e o prof. Flávio Moleta Mauer, da Sec. de Educação reconhecidos pela zeladora e mais quatro elementos, suspenderam o portão, invadiram o prédio e confiscaram um filme e diversos papéis".

O FECHAMENTO
Após a invasão, segundo a professora Dilma Pereira, os policiais percorreram todas as dependências do Jardim, apreendendo um filme sobre educação, pertencente à Embaixada Inglesa e papéis, que desconhece quais sejam pois, não conseguiu verificar. Não pode entrar no prédio, o mesmo acontecendo com qualquer outra pessoa. As informações foram transmitidas a ela, por intermédio da servente que é a única com movimentos livres, mas que está também impedida de mexer em qualquer coisa. Todos os pais levaram os filhos à aula e diante da interdicação da Escola, quiseram saber das possibilidades de funcionamento mesmo em outro local qualquer. Acentuou a diretora que os res-

ponsáveis pelas crianças continuam plenamente na orientação dada por elas.

MOVIMENTO
A diretoria do Jardim de Infância, professores e pais de alunos vão iniciar um movimento de esclarecimento à opinião pública, bem como impetrar mandato de segurança para reabrir o estabelecimento. "Os policiais chegaram ao absurdo de implicar com o nome de "Pequeno Príncipe", por acharem que é subversivo", disse a sra. Dilma Pereira. "Aceitamos o fechamento da Escola, por que não podemos ir contra as autoridades". Mas não vamos continuar a aceitá-los nestas bases".

O MANDADO
E a seguinte a íntegra do mandado de fechamento do Jardim de Infância Pequeno Príncipe: "O bacharel Ozias Algauer, Delegado Titular da Delegacia de Ordem Política e Social, usando as atribui-

ções que lhe são conferidas por Lei, manda o Bacharel Carlos Alberto Gonçalves Magno, Delegado Adjunto desta Especializada que, em cumprimento ao presente mandado, se dirija ao Jardim de Infância Pequeno Príncipe, situado na Rua Comendador Araújo, n. 438 nesta Capital, e naquele local interdite o funcionamento e feche as portas do aludido estabelecimento, em virtude do mesmo estar funcionando ilegalmente e suas professoras estarem respondendo Inquérito Policial Militar, cujos nomes são Marilda Chautard, Miriam Gelarda e Dilma Maria Maia Pereira, as quais estão doutrinando suas alunas com teorias marxistas, em cumprimento a determinação secretarial queida em ofício de n. 355/66 de 31 de maio de 1966, do Exmo. sr. Dr. Lauro Rêgo Barros - DD, Secretário de Educação e Cultura. Cumprase".

Quermesse Pró Catedral

Temos a grata satisfação de apresentar aqui os resultados das Barracas que foram construídas no CENTRO CIVICO, por ocasião dos festejos do 19.º aniversário de Maringá as quais foram entregues a diversas entidades para serem exploradas, revertendo o resultado em favor da Construção da Nova Catedral.

A Comissão pró Construção da Catedral, em nome de toda a população, agradece e torna público que recebeu os seguintes resultados:

Da Barraca Italiana	Cr\$ 424.530
Da Barraca do Rotary	Cr\$ 160.000
Da Barraca Alemã	Cr\$ 397.760
Da Barraca da Paróquia S. Antonio	Cr\$ 163.451
Do Parque St. Joana D'Arc	Cr\$ 245.000
Da Barraca Japonesa	Cr\$ 680.000

Queremos também tornar público que a Colônia Arabe organizou um jantar no Clube Teuto-Alemão do qual resultou a quantia de 735.000 o que nos foi entregue para ser aplicada nas obras da Catedral.

Aproveitamos a ocasião para anunciar que os 17 contemplados no sorteio das 2 passagens a Londres foi 189 - da Motoneta foi o n.º 489, sendo que da primeira já apareceu o felizardo e da segunda o contemplado tem prazo até o dia 14 de junho deste para retirar seu prêmio, mediante a apresentação do cupon que adquiriu.

Pela comissão
Padre Adelino Formulo
Frederico Westphal - tesoureiro

Figura 4: Jornal Folha do Norte do Paraná, página 7, 03/06/1966.

O fragmento acima (Folha do Norte do Paraná, 03/06/1966, p. 7) noticia o fechamento de uma escola, o Jardim de Infância "Pequeno Príncipe", sob a acusação de que as professoras estariam ensinando conteúdos oriundos de teorias marxistas, que iriam contra os princípios da formação e educação religiosa, ideias e influências que a igreja combatia (DIAS, 1999). Esses conteúdos foram descritos pelos agentes da DOPS (Departamento de Ordem Policial e Social) como "*subversivos*", os quais foram evidenciados em um filme pertencente à Embaixada Inglesa, bem como em papéis que não conseguiram ler. Materiais estes que encontraram na invasão que realizaram no jardim de infância.

Os ensinamentos não alicerçados em bases cristãs forjavam, segundo discursos religiosos, um ambiente social imoral e doente (JUNQUEIRA, 2011, p. 10). As professoras, a escola, mediante constatações policiais, estavam subvertendo os objetivos educacionais, que só seriam apreendidos por meio do temor a Deus, as autoridades políticas e religiosas.

Anúncios Publicitários

É importante compreender que a década de 60 foi um período em que houve a intensificação da industrialização e do comércio de cosméticos, aparelhos domésticos, carros, que se tornavam um ideal de consumo por meio dos apelos publicitários. Houve a intensificação da propagação do estereótipo, do modelo de beleza feminina, que agora estaria mais acessível às mulheres devido à demanda de produtos e serviços lançados no mercado, que visavam adequar a mulher ao padrão de beleza feminino (MELLO; NOVAIS, 2006, p. 570).

Nas matérias identificadas no Jornal, percebemos um número expressivo de anúncios em que as mulheres eram mencionadas. Encontramos tanto propagandas de serviços e produtos voltados exclusivamente para o público feminino, como também anúncios de serviços, direcionados tanto aos homens como às mulheres, que “usavam” uma mulher como “garota propaganda” da marca ou do produto. Como mostra o anúncio publicitário abaixo, onde a mulher é utilizada como “garota propaganda” de uma loja de utensílios domésticos. A “garota Propaganda” é uma mulher jovem, bonita, tem uma “postura carismática”, característica esta vinculada ao ideal de mulher que é casada, é boa esposa, zelosa com o lar. Busca-se reforçar o apelo comercial, que é de vender utensílios domésticos, novidade para as donas de casas da época.



Figura 5: Folha do Norte do Paraná, página 5, 13/11/1966.

Notamos que as representações femininas presentes nas propagandas reforçavam a busca do estereótipo de felicidade, da realização da mulher, que só se concretizava com o casamento, onde cumpriria a sua vocação profissional, sendo boa esposa, boa mãe e boa dona de casa. Percebe-se, por exemplo, vários anúncios de utensílios domésticos que tinham o objetivo de facilitar as funções de dona de casa.

O modelo de conduta feminino valorizado era o da mulher que tinha devoção para com os cuidados do lar, que almejava deixá-lo receptivo, agradável para o marido (SASAKI, 2011, p.6). O lar era considerado o retrato da vida moral do casal e da família. A mulher tem o papel de mantê-lo organizado e acolhedor, principalmente aos olhos da sociedade (SASAKI, 2011, p.6). Logo, o zelo, o cuidado para com o lar deveria ser realizado com alegria e com devoção.

Pudemos identificar um número expressivo de apelos publicitários das indústrias de cosméticos, que apresentava para cada parte do corpo, e/ou para cada tipo de pele um produto ideal. Os apelos publicitários mencionavam que cada mulher tem uma beleza singular, por isso da variedade de produtos voltados para uma clientela feminina variada. Mesmo com belezas distintas, as mulheres deveriam usufruir produtos que ressaltassem os pontos perfeitos de seu físico, como também esconder o que estava imperfeito, fora o modelo de beleza.

O modelo de beleza que todas as mulheres almejavam era inspirado por atrizes, misses, musas, cantoras, que estavam sempre presentes no jornal, e que apresentavam um comportamento considerado “Chic”, dentre os quais se incluíam a delicadeza, generosidade e romantismo. Os

anúncios publicitários utilizavam essa busca contínua pela adequação das mulheres no modelo da mulher “Chic” para atrair consumidoras, como o apelo publicitário abaixo demonstra.



Figura 6: Folha do Norte do Paraná, página 5, 16/04/1966.

No fragmento acima o apelo publicitário utiliza orientações de como se tornar uma mulher “chic”, uma mulher moderna para comercializar seus serviços. A mulher moderna, a mulher “Chic”, sabe se vestir elegantemente, na moda, sem se expor, sem ser vulgar. Segundo o anúncio, ser “Chic” é saber esconder o que não está perfeito no seu corpo, mas ressaltar a parte do seu corpo que a valoriza. E como nos aponta Mello e Novais (2006, p.568) esta propagação de um modelo de beleza vem ao encontro do que era valorizado no período histórico que o Brasil vivenciava. Período de expansão da indústria de cosméticos voltados ao público feminino, onde a imprensa foi um poderoso instrumento de veiculação de anúncios dos mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos verificar que as representações do gênero feminino no Jornal Folha do Norte do Paraná ano de 1966 encontram-se em matérias que abordavam temas relacionados à família, casamento, educação, religião, culinária, obras de caridade, comportamento e moda. Analisando as

temáticas que norteavam a representação feminina no jornal, percebem-se discursos que visavam reforçar o modelo do que é ser mulher, de seu papel, função na teia social.

O espaço em que a mulher é mencionada no âmbito geral da sociedade aparece interligado aos afazeres domésticos, à educação, igreja e projetos de caridade. Com base em Junqueira (2010), podemos considerar que esses espaços não apresentavam risco ao papel nobilíssimo que a mulher desempenhava à família, à igreja e à sociedade, por não envolverem situações, comportamentos e ideias que viessem denegrir a natureza feminina, inculcada desde a tenra idade pela família e pela religião.

Nos discursos religiosos, notamos constantemente a exaltação de representações femininas bíblicas, como Maria, como também de mulheres da igreja: freiras, irmãs e religiosas que eram fiéis à ordenança Divina. Ou ainda o reconhecimento do valor de mulheres que cumpriam seu papel com zelo pelo lar, pelos filhos e pelo marido. Renunciaram seus desejos, vontades por obediência e amor a ordenança Divina.

De acordo com Cunha (2001, p. 2), podemos verificar que, no período de 1945 a 1965, ocorreram transformações econômicas, desenvolvimento da urbanização e industrialização, que modificou a estrutura, a organização da família e da sociedade como um todo. Essas transformações culminaram no aumento de oportunidades de trabalho às mulheres. As mulheres, a partir de então, passaram a ocupar espaços, funções que antes só atuavam homens. Geram-se, então, questionamentos e mobilização das mulheres por direitos, valorização, igualdade do tratamento na vida social, cultural, econômica e religiosa (CUNHA, 2001, p. 2; FARIAS; TEDESCHI, 2010, p. 4).

Sendo assim, alguns setores da sociedade, em especial a religião, utilizavam a mídia impressa como um dos meios para combater esses movimentos, ideias que vinham contra os valores morais, éticos e familiares. Como sabemos, a mulher era associada à vocação profissional dos cuidados para com o lar, com filhos, tornando-se a auxiliadora de seu marido. Logo, igualar os direitos entre homens e mulheres concederia o direito às mulheres de questionar, lutar pelos seus ideais, interesses e não mais ajudar seu marido, ser submissa à vontade e o querer dele, se não quisesse.

Após algumas décadas, os processos educativos ainda são norteados pelos valores que priorizam a dominação do gênero masculino em detrimento dos do gênero feminino. Faz-se necessário a propulsão, a provocação de debates, discussões sobre as desigualdades, estereótipos, modelos que historicamente foram construídos sobre o gênero feminino. Concomitantemente, faz-se necessário desnaturalizar a inferioridade feminina e a superioridade masculina, que muitas vezes nem percebemos. A pesquisa traz representações femininas que nos permitem a análise, a conscientização,

e novas interpretações sobre as relações, papéis, funções, direitos, deveres e valores do gênero feminino que se consolidaram e perpetuaram nas relações sociais.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Revista Projeto História*, São Paulo, n.3 5, dez.2007.

CUNHA, Maria de Fátima da. Homens e mulheres nos anos 1960/1970: um modelo definido? *Revista História: Questões e Debates*, Curitiba, n. 34, 2001.

DIAS, Reginaldo Benedito. Os trabalhadores e a esquerda na resistência à ditadura militar, a greve geral de outubro de 1968 em Maringá. In: DIAS, Reginaldo Benedito.; GONÇALVES, José Henrique Rollo (orgs). Maringá : EDUEM, 1999.

FARIAS, Marcilene Nascimento e TEDESCHI, Losandro Antonio. Quando Mulheres se olham no espelho: representações da mulher ideal na Revista *Servas do Senhor*. *Revista Interthesis*, Florianópolis, v.7, n. 2, jul./2010.

JUNQUEIRA, Lúgia de Souza. Educação e imprensa Católica e o Lampadário no município de Juiz de Fora. ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH – Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n.9, jan. 2011.

KUSHNIR, Beatriz. Pelo viés da colaboração: a imprensa no pós-1964 sob outro prisma. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 35, dez. 2007.

MARTINS, Ângela Maria Roberti e MATOS, Maria Izilda Santos de. Meio anjo – meio demônio: representações do feminino na imprensa operária. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 35, dez. 2007.

MELLO, João M. Cardoso de. E NOVAIS, Fernando A. Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord. Geral da Coleção) e SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PAULA, Antonio Roberto de. O jornal do bispo: a história da Folha do Norte do Paraná. Disponível em: <http://jornaldobispo.blogspot.com/2010/04/livro-o-jornal-do-bispo-historia-da.htm>. Acesso em: 14 de maio 2011

PRIORI, Angelo. **Lutas Sociais e Conflitos Políticos**: alguns temas da história de Maringá (o II Congresso de Trabalhadores Rurais e a formação da Frente Agrária Paranaense). In: DIAS, Reginaldo Benedito.; GONÇALVES, José Henrique Rollo (orgs). Maringá : EDUEM, 1999.

SASAKI, Silvia. Santos evangelhos e fotonovelas: presença religiosa nas páginas do periódico *Jornal das Moças* (1948-1965). ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH – Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades, IN: *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR) v. III, n. 9, jan. 2011.

SILVA, Márcia Pereira da e Franco, Gilmar Yoshihara. Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. Revista Histórica em Reflexão, Dourados, v.4, n. 8, jul./dez. 2010.

VIANNA, Claudia; RIDENTI, Sandra. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. IN: AQUINO, Julio G. (Org.). **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998, p.93-105.